



♀♀♀♀♀  
WOMEN IN  
**NATURE**  
L-WIN Brasil

The Nature  
Conservancy   
Brasil

As Mulheres na  
transformação do mundo:

**O tempo,  
o cuidar  
e o  
autocuidado**

**Organizadoras**

Mônica Vilaça

Rafaela Carvalho

Milena Ribeiro

As Mulheres na  
transformação do  
mundo:  
O tempo,  
o cuidar  
e o  
autocuidado

**Organizadoras**

Mônica Vilaça

Rafaela Carvalho

Milena Ribeiro

**São Paulo, outubro de 2022.**



ATRIBUIÇÃO  
NÃO-COMERCIAL  
COMPARTILHA IGUAL

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

As mulheres na transformação do mundo: o tempo, cuidar e o autocuidado / organização Mônica Vilaça, Rafaela Carvalho, Milena Ribeiro. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Athalaia Gráfica e Editora, 2022.

ISBN 978-65-87779-22-5

1. Autocuidado 2. Conservação da natureza  
3. Meio ambiente 4. Mulheres 5. Mulheres - Aspectos sociais 6. Sustentabilidade ambiental  
I. Vilaça, Mônica. II. Carvalho, Rafaela. III. Ribeiro, Milena.

22-128153

CDD-304.2

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Sustentabilidade ambiental : Ecologia 304.2  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**The Nature Conservancy (TNC)** é uma organização global de conservação ambiental dedicada à proteção das terras e águas, das quais toda a vida depende. Guiada pela ciência, a TNC cria soluções locais inovadoras para os principais desafios do mundo, de forma que a natureza e as pessoas possam prosperar juntas. Trabalhando em 76 países, a organização utiliza uma abordagem colaborativa, que envolve comunidades locais, governos, setor privado e a sociedade civil. No Brasil, onde atua há mais de 30 anos, o trabalho da TNC concentra-se em solucionar os complexos desafios de conservação da Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica a partir de uma abordagem sistêmica, com foco na implementação e geração de impacto, para mitigar as mudanças climáticas e a perda da biodiversidade. Saiba mais em [www.tnc.org.br](http://www.tnc.org.br).

**L-WIN** é um grupo local corporativo vinculado ao global Woman In Nature.

**L-WIN Brasil**

Ariane Sousa  
Camilly Almeida  
Debora Gillespie  
Fernanda Kalena  
Josi Sene  
Karen Oliveira  
Lícia Azevedo  
Luciana Lima

Marília Borgo  
Milena Ribeiro  
Mônica Vilaça  
Paula Marques  
Rafaela Carvalho  
Teresa Moreira  
Vanessa Santos  
Virgínia Algorta

## **Organizadoras**

### **Mônica Vilaça**

É mestra e doutoranda em sociologia pelo PPGS UFPB, com pesquisas nos campos de gênero e cuidados, trabalho, e economias territoriais. Integra a equipe de Ciências da TNC Brasil e participa do Science for Nature and People Partnership.

### **Rafaela Carvalho**

É administradora, especialista em Projetos de Gênero na África e América Latina, voluntária de Direitos Humanos para ONU, co-leader do Local Woman in Nature Brasil e analista da Estratégia Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais para o Programa Brasil na TNC. “Um ser de coração em movimento e fome de horizonte...”

### **Milena Ribeiro**

É engenheira florestal, especialista em SIG pela UFPR, atualmente trabalha como líder em Monitoramento, Avaliação e Aprendizagem para o Programa Brasil da TNC, no time de Ciências, e co-leader do Local Women in Nature Brasil. É mãe de duas meninas.

### **Revisão**

Luiz Ribeiro

### **Projeto gráfico e diagramação**

Marcelo Almeida

### **Impressão**

Athalaia Gráfica e Editora

“E essa escrevivência, ela toma como mote de criação justamente a vivência.

Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo.”

**Conceição Evaristo.**

“Eu digo, mulher mágica, se esvazie.

Escreva sobre o que mais nos liga à vida, a sensação do corpo, a imagem vista, a expansão da psique em tranquilidade:

momentos de alta intensidade, seus movimentos, sons, pensamentos.

Mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de experiências.”

**Glória Anzaldúa**

APRESENTAÇÃO.....	<b>10</b>
L-WIN BRASIL .....	<b>12</b>
ESCREVIVÊNCIAS .....	<b>15</b>
ERA UMA VEZ UMA FLORESTA.....	<b>25</b>
BELÉM.....	<b>37</b>
RUÍDOS.....	<b>41</b>
COMPARTILHANDO SABERES E VIVÊNCIAS!.....	<b>49</b>
O QUE DIZER DE TODOS ESSES ANOS.....	<b>63</b>
A SONÂMBULA E A EQUILIBRISTA .....	<b>69</b>
UMA CARTA À MINHA MELHOR AMIGA, MINHA MÃE.....	<b>91</b>

# Apresentação

**E**ste livro nasceu de um desejo de conhecer e partilhar como nós, mulheres que trabalhamos com restauração e conservação ambiental, vivenciamos essa e outras dimensões de nossa vida. Ao publicarmos o convite para o envio de contribuições das mulheres da TNC Brasil para esta publicação, ficamos expectantes imaginando esta obra, já visualizando palavras e sentimentos. E é com muita felicidade que compartilhamos com todes na TNC Brasil esta coletânea de textos corajosos, sensíveis e plurais que recebemos.

Os textos caminham por tempos, memórias, por anseios e desejos. Falam de motivações, de preocupações e de arrojamento. Compreendemos que, nesta iniciativa coletiva, exercitamos todas a escrita e, através dela, a construção de uma narrativa de nossa experiência. Vemo-nos umas às outras em cada texto – é uma pluralidade que nos contém a todas. Diz-se que nós, mulheres, somos como águas: crescemos quando nos juntamos. É assim que vemos esta publicação, como um exercício de escrevivência que permite ver o quanto crescemos.

Esperamos que cada um e cada uma que leia esta coletânea sinta a generosidade de cada mulher que com ela contribuiu; que, ao se deleitar com estes escritos, possa refletir sobre os aprendizados compartilhados e pensar sobre a própria trajetória. A leitura

atenta destes textos é um convite que fazemos. Temos, em nossa caminhada, o objetivo de construir um futuro de direitos, igualdade, equidade e partilha; para tanto, é necessário aprender com as mulheres.

A experiência das mulheres no mundo dá-se em torno do que foi atribuído com menor valor: é o cotidiano, a casa, os cuidados, os sentimentos e as emoções, o que estabelece o chão para que nos movamos no mundo. As mulheres vivenciaram esses lugares com maior intensidade, mas queremos compartilhar esses espaços também com os homens, assim como queremos ter as mesmas condições de trabalho, acesso a posições estratégicas e de liderança e segurança nos espaços públicos.

Aqui registramos nossa aspiração de que possamos desconstruir, construir de novo e seguir imaginando novos caminhos que transformem o mundo para todes nós.

***Boa leitura,***

***Mônica Vilaça***

***Rafaela Carvalho***

***Milena Ribeiro***

# L-WIN Brasil

**N**ós, mulheres que formamos o L-WIN Brasil, temos a missão de inspirar a conscientização sobre a questão de gênero para promover uma TNC diversa e inclusiva, oferecendo conexões, recursos e oportunidades de trabalho em rede para mulheres na TNC do Brasil e suas interações nas diversas áreas em que a TNC atua.

O L-WIN Brasil é a representação local do Women In Nature – WIN global, fundado em 2013, com a missão de defender e criar oportunidades para cada pessoa que se identifica como mulher, acelerando a mudança de sistemas sobre equidade de gênero e inspirando todas as pessoas a tornarem a TNC um local de trabalho equitativo e inclusivo em todos os níveis da organização e em todas as regiões onde a TNC atua.

Nossa organização é construída sobre três pilares básicos:

- **WIN como Networkers:** construindo uma rede na qual TODAS as mulheres se sentem seguras, apoiadas e capacitadas pela TNC;
- **WIN como Defensoras:** alimentando o movimento e garantindo que TODAS e TODOS entendam como usar sua voz para promover a igualdade de gênero. Neste pilar, o WIN, nos níveis global e local, conta com o apoio dos Homens Como Aliados (Men As Allies – MAA), cuja missão é conscientizar os homens para as questões relativas à dinâmica de gênero, assim como promover ações por meio das quais todas e todos possam contribuir para criar e apoiar inclusão, diversidade e empoderamento das mulheres em todas as suas interseccionalidades;
- **WIN como Reformadoras:** moldando o futuro e impulsionando a TNC a se tornar líder em equidade de gênero.

O WIN é interseccional, reconhecendo e envolvendo mulheres de diferentes identidades raciais e etnias e pessoas com outras identidades de gênero, como binárias ou não binárias, entendendo que as exclusões e discriminações vivenciadas acontecem de formas diferentes, considerando as diversas marcas sociais que acompanham cada uma dessas pessoas.

***Rafaela Carvalho***

***Milena Ribeiro***

***Karina Vega Parra***

# Escrevivências



PAULA MARQUES

Program specialist -  
Zero Commodities Conversion Strategy,  
Global Provide Team.

## PAULA MARQUES

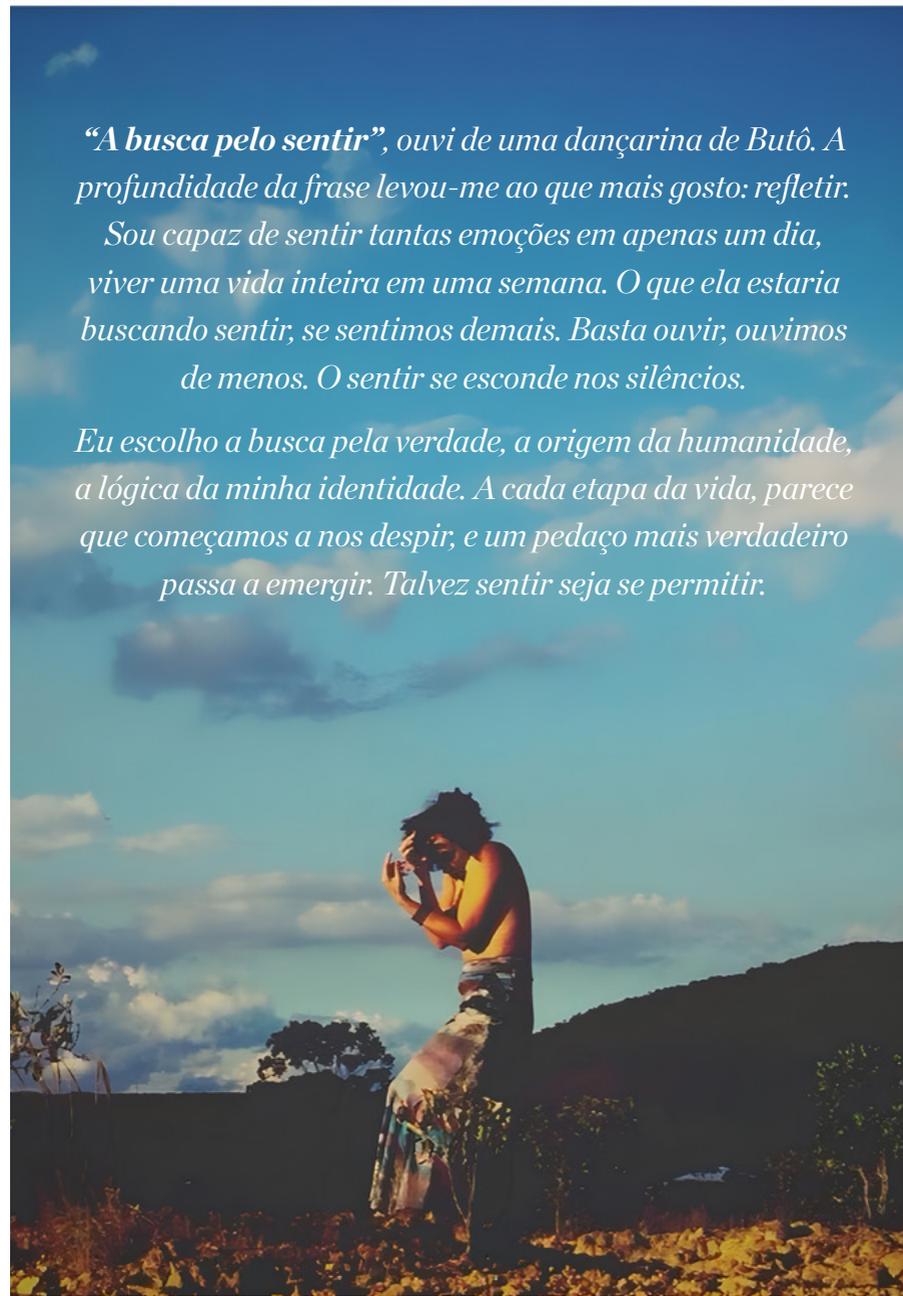
---

**D**urante a pandemia, descobri a poesia como forma de escoar minha criatividade em palavras, de nelas expandir meu vasto mundo sentimental, que passava a estar confinado entre quatro paredes. O confinamento não é apenas físico, o sentir é encarcerado em um mundo patriarcal, pretensamente lógico, racional, disfarçando projetos de poder por meio da colonização de toda vulnerabilidade. Gosto de pensar que coloco a minha inteligência a serviço da ciência, mas a sensibilidade a coloca a serviço da humanidade. Acredito que ser profunda não é ser triste, ser profunda é estar em contato, é não ser indiferente, sobretudo a si mesma.

*“A busca pelo sentir”, ouvi de uma dançarina de Butô. A profundidade da frase levou-me ao que mais gosto: refletir.*

*Sou capaz de sentir tantas emoções em apenas um dia, viver uma vida inteira em uma semana. O que ela estaria buscando sentir, se sentimos demais. Basta ouvir, ouvimos de menos. O sentir se esconde nos silêncios.*

*Eu escolho a busca pela verdade, a origem da humanidade, a lógica da minha identidade. A cada etapa da vida, parece que começamos a nos despir, e um pedaço mais verdadeiro passa a emergir. Talvez sentir seja se permitir.*



*Dançarina de Butô. Chapada dos Veadeiros, 2021.  
© Paula Marques.*

## PAULA MARQUES

---

Um dos maiores desafios, durante esse período, foi enfrentar a relação que se tem consigo mesma, com a rotina e o cotidiano. Para mim, também era um período de construção de uma vida que se recém-reiniciava na minha cidade. Alugar uma casa, o longo processo de se sentir à vontade, o novo trabalho na TNC. O primeiro ano da pandemia passou despercebido entre tantos afazeres e cresceres. E, carrasca de mim que sou, me exigi além. Estudei astrologia, cartomancia, investi na fotografia, escrevi poesia, passei a desenhar no dia a dia. Não contente com o trabalho que já me demandava, mas ainda não me bastava, me voluntariei para um Coda sobre equidade em conservação. E, nisso tudo, no segundo ano, não resisti, e adoeci. A doença e o afastamento do trabalho por dois meses me levaram a uma dura reflexão: já não tinha uma relação saudável com o tempo. Mesmo afastada, me vi sufocada em ondas de autoexigência, no intento de me tornar tudo o que almejo ser, com ciência, arte e afeto.

*“Ser noturna em um cotidiano solar, em submissão ao grande rei, masculino, é um ato de rebeldia. Ou capricho da burguesia, confesso. Minha ode é à lua, humilde na hierarquia, reflexiva, iluminando a escuridão, dando beleza à solidão. A noite possui a leveza dos assuntos encerrados, sem teatro mascarado, é domínio dos instintos e voos elevados. A noite é calma, pois é livre.*

*Escrevo as palavras de ontem, que não saíram por cansaço, pausadas no espaço. De dia se resolve, à noite se dissolve. Se não foi resolvido, volta, em voz alta, exigindo avaliação. Tantas ideias não podem ser em vão. Quando terei tempo para criação?”*



*No mundo da lua. Fotomontagem. Setembro, 2020.  
© Paula Marques.*

Cada momento de inquietação me levou mais perto de crescer em mim mesma. De saber quem eu sou, de alçar minha voz no mundo, de afirmar minha identidade, de me amar com intensidade. Eu já não cabia em mim mesma, e fui em busca da minha verdade. É o que faz minha mente ser uma navalha, travando eternamente batalhas. Infelizmente, vejo muita opinião no ar, litros de cerveja na sexta-feira e muita preguiça de pensar. E a verdade do coração, cadê? Está alinhado com a realidade ou anda acanhado de se despir, por medo de se distinguir?

*“O objetivo da vida é o desenvolvimento da própria personalidade. Realizar perfeitamente nossa natureza – é para isso que estamos neste mundo.” Oscar Wilde*

E, se me perguntassem o que aprendi disso tudo, responderia. Se eu não fizesse isso, jamais cresceria. Agora, me sinto leve. Lutei contra mim mesma e me venci. Agora, já não tenho pressa nem quero já me esforçar tanto em evoluir. Vou cuidar da saúde, da paz no dia a dia, e daqui já posso seguir.

Fiz as pazes com o tempo.

Entendi que sua essência é ser lento.

Calmo, preciso, ondular

Não uma linha reta

ansiosa por chegar

Nele cabem alegrias e pesar

Muita espera e paciência

Para em suas ondas surfar

Ninguém me ensinou mais sobre o tempo

Que meu micro-ondas.

Nem tempo  
Ou contratempo  
Apenas contemp(l)o  
Que a cada dois tempos  
Há um espaço  
Para transformar  
O que antes não havia

O tempo é travessia...



# Era uma vez uma floresta...



**MARÍLIA BORG**

Bióloga, integra a equipe de água e atua  
no L-WIN Brasil

## MARÍLIA BORGHO

---

**E** nela os povos indígenas viveram por muito tempo, e usaram as plantas para tecer, para curar... E se alimentaram de frutos, de raízes, de animais... Mas, um dia, chegaram os colonizadores. De início, ficaram boquiabertos com tamanha exuberância. Depois, enxergaram na floresta mais do que abrigo e riqueza tropical. E começaram a tirar o que de melhor ela tinha. Assim, ela foi sendo dizimada, durante longos anos. Primeiro, o pau-brasil, depois todos os outros paus que encontraram... Móveis torneados que ornamentavam quartos e salas europeias... Lenha, lenha, lenha...

E instalaram cidades, e as cidades cresceram, e avançaram sobre a floresta. Depois vieram as plantações de banana, de arroz... os búfalos... E a floresta foi ficando pequena... Espremida entre as áreas de cultivo e as encostas da Serra do Mar.



Um dia, entrei na floresta. A trabalho, é verdade, mas algumas pessoas (como eu) têm o privilégio de serem agraciadas pela combinação agradável entre trabalho e prazer. Por lá fiquei andando por algum tempo. De início, só nos finais de semana, depois no “horário comercial”, e senti na alma o êxtase dos naturalistas que por ali passaram há 100, 200 anos... Saint-Hilaire, Martius<sup>2</sup>... Outros tantos anônimos...

Entendi o real sentido de diversidade, de riqueza. Árvores, arbustos, ervas, lianas, epífitas... Plantas que não parecem plantas, como aquela que lembra uma bola de pingue-pongue vermelha, ou a que mais parece uma pinha de alguma gimnosperma das regiões temperadas do planeta, que parecem brotar do chão, mas na verdade emergem das raízes das árvores que parasitam... e dão o ar de sua graça assim, de repente... Privilégio de poucos.

---

*2 Auguste de Saint Hilaire (1779-1853), naturalista francês com predileção pela botânica, foi um dos primeiros cientistas a chegar ao Brasil para retratar nossa biodiversidade. Nas suas viagens, coletou mais de 24.000 plantas – a maioria delas tendo seu primeiro registro para a ciência. E, ao ser impedido de continuar suas andanças por conta de uma doença, dedicou três décadas para retratar suas expedições, ricamente detalhadas em mais de 3 mil páginas – as Viagens de Saint-Hilaire, que até hoje causam encanto aos leitores ávidos por preciosidades de nossa flora e fauna.*

---

*Carl von Martius (1794-1868) foi um naturalista alemão que, assim como Saint Hilaire, tinha especial interesse pelas plantas. Nos três anos que permaneceu no Brasil, junto de seu colega zoólogo Johann von Spix, Martius percorreu mais de 14.000 km e coletou uma quantidade enorme de informações – é dele uma das principais obras da botânica nacional, Flora Brasiliensis, que traz mais de 22 mil espécies descritas, a maioria delas acompanhada por desenhos de exuberante beleza. É dele também o primeiro mapa dos biomas brasileiros, à época descritos com nomes de ninfas gregas.*

Plantas que crescem no chão... Sobre rochas, sobre outras plantas, às vezes tentando alcançar o chão, às vezes fazendo o caminho inverso, abandonando a comodidade de angariar nutrientes do solo... buscando outros ares no dossel da floresta...

Flores vistosas, de cores variadas... vermelhas, amarelas, brancas... Azuis!!! Flores pequenas, flores que nunca desabrocham... que nascem no tronco das árvores... que lembram plantas pré-históricas... Flores que parecem outras flores... que parecem buquês... Flores que não são flores... Plantas sem flores...

Frutos coloridos, que saciam a fome do olhar... adocicados, amargos, acres... Alguns travam a língua (dizem que é tanino). Outros amortecem os sentidos.

E, juntinho das plantas, a fauna... Beija-flores polinizando, tucanos dispersando. Aves coloridas, outras monocromáticas. No chão, no topo da árvore mais alta... Dançando feito gente. (Ou será que é a gente que dança feito tangará?) Não só elas, mas também morcegos, serelepes... Macacos atirando ariticuns e caindo das árvores feito fruta madura, no duro aprendizado de pular de galho em galho.

## MARÍLIA BORGÓ

---

Mamangavas, jataís, uruçus e caga-fogo... Nome sugestivo para uma abelhinha que na verdade “cospe” ácido fórmico nos intrusos. Dizem que cada colmeia tem apenas uma rainha. Mas, na floresta, todas elas são rainhas da polinização. Junto de borboletas, besouros, moscas, formigas... E o vento, soberano silencioso que traz o frescor no verão, levando consigo grãos de pólen e sementes aladas, que nos causam certa inveja ao brincarem no céu.

Anta comendo pasto-de-anta. Paca, tatu, cutia também, pulando aqui e ali. E, atrás de todos eles, o puma... leão baio, que mais parece um bicho-papão cor de caramelo, que se anuncia como estômago roncando. Talvez de fato o estômago dele estivesse roncando, talvez ele estivesse com fome. Mas preferi ficar com essa eterna dúvida a inquiri-lo no meio do mato. Nunca fui corajosa, e trabalhar com plantas sempre me pareceu mais seguro. Elas não roncam, não mordem e não correm (de ou para você...).

O chão úmido no verão, às vezes (ou muitas vezes) encharcado. O barulho das folhas secas quebrando a cada passo, no inverno. Cobras e lagartos rastejando aqui e ali. Fios d'água cortando o mato, formando pequenas poças onde camarões e peixes esperam pacientemente que a floresta traga alimento. Rios que convidam a um banho gelado na companhia de sapos, pererecas... iraras...



Medimos o tamanho das árvores. Parecíamos personagens de “João e o pé de feijão”, só que o nosso feijão foi majestosamente substituído por nhutingas, figueiras, guamirins... Diâmetro, altura, espécie... Uma odisséia digna de gladiadores era travada a cada árvore que encontrávamos caída no meio da floresta e resolvíamos pesar. E não só árvores... toneladas e toneladas de epífitas. Incontáveis bromélias, orquídeas, samambaias, comambaias... todas contadas e pesadas.

Fizemos centenas de buracos para saber em que classe de solo pisávamos. E tentamos entender se as plantas sabiam da nossa incansável mania de dar nome a tudo e buscar estabelecer relação entre esse tudo. Perdemos noites de sono nos perguntando se elas preferiam crescer tranquilas sobre Argissolo ou arriscariam sofrer em um Gleissolo, sufocadas pelo estado de anoxia (falta de oxigênio) e pela saturação hídrica constante (charco). Algumas responderam nossas perguntas, outras preferiram se calar... e deixar-nos mais um tempo sem dormir.

Até agora, são quase 400 espécies de árvores e arbustos. Outras tantas irão surgir, pois, a cada caminhada, novas plantas se deixam descobrir. E, junto das ervas, trepadeiras, epífitas que se mostraram presentes na floresta, já são mais de 1000 espécies. As epífitas são um capítulo à parte: em uma única figueira, caída no meio da floresta, contamos 71 espécies – isso é mais do que se pode encontrar em uma floresta inteira na Europa.

Encontramos de tudo um pouco na floresta... planta, bicho, gente... E entendi que não importa o que o homem faça, não importa o quanto ele avance, corte, fragmente, mutile, isole, dizime, mate, arranque e todos os outros verbos que traduzam o efeito deletério da demonstração de “racionalidade” humana sobre a natureza... ela sobrevive.

Tímida no começo, é verdade. São somente algumas poucas espécies que conseguem crescer sob o sol escaldante do verão tropical (ou subtropical): jacatirão, capororoca, crindiúva, embaúba...

Depois da árdua tarefa de recolonizar, de tornar o ambiente despido menos inóspito, começam a dar lugar a tabocovas, ariticuns, licuranas, ingás... e outras tantas que crescem mais tranquilas, já que o rei sol não é o maior dos problemas agora. E, de repente, é possível sentir o ar mais fresco dentro o mato. O vento perde força na luta com as árvores da borda.

Assim as sementes de nhutinga, bocuva, laranjeira-imbiúva, peroba-amarela, maçaranduba e canela-preta germinam e se desenvolvem lentamente, seguras em meio ao aconchego propiciado pelas companheiras do dossel.

E a floresta cresce tranquila, no seu tempo. Menos variada que a original, de fato, mas ainda assim exuberante. Minha única tristeza é ser tão etérea e não poder testemunhar essa ressurreição por completo. Posso acompanhar, quem sabe, por 30, 40 anos... Mas nunca vou conseguir chegar próximo do que os modelos matemáticos predizem: 100, 200, 500, 4.000 anos para que tudo volte a ser o que era antes de colocarmos nosso dedo-não-tão-verde nela.

Ao lembrar que algumas plantas vivem séculos, percebo que, por mais que o homem tente colocar em números a diversidade, ela sempre vai surpreender. Tendência ao infinito é uma notação da matemática do homem... sorratamente postulada pela natureza.



**Era uma vez uma floresta,  
e ela se chamava Floresta  
Atlântica.**

# BELÉM



MARIA CECÍLIA

Arquiteta e Urbanista, trabalha como  
PMO na equipe do Pará

O trabalho trouxe cacau, pitanga, ervas da Amazônia, cheiros, sabores nunca imaginados. Trouxe um rio que é minha rua, trouxe floresta com gente dentro. Trouxe Dalcídios e Beneditos.

Pitiús, carapanãs, ingás, pupunhas, osgas e éguas pedindo gentilmente licença para compor, devagarzinho, um novo vocabulário. E viva os urubus que, escorraçados em outras terras, aqui se transvestem e assumem seu lugar de nobreza na tela do artista e no bem querer das gentes do lugar. A garoa fica para trás. E dá lugar à chuva. Ah, a chuva.... e tudo o que acontece depois que ela passa.

Depois da chuva, a dança das portas abrindo, os cafés escondidos nos casarões de onze ou menos janelas. Alguns ainda cheios de pompa. Muitos com a malandra decadência de quem carrega um rastro do perfume do que um dia fora e a beleza inquietante das rugas dos mais experientes. Contam suas histórias a cada fenda que a mata invade de um dia pro outro. As casas espiam os homens que correm atrás das mulheres. Os casarões têm o aval do poeta para celebrar que todes se olhem e já ninguém careça espiar.

Cidade que é mulher de traços duros, mas que sempre tem conversa, risada e uma comida boa pra compartilhar junto ao barulho dissonante do comércio. Que convida pro Teatro da Paz, para olhar Samaúmas, para Ver o Peso, Ver o Rio, Ver a Noite. E é na noite que ela se mostra.

Que, numa noite dessas, a senhora nos abra as portas para além das Samaúmas e nos guie no caminho de uma floresta mais justa para mais seres.

# RUÍDOS



MÔNICA VILÇA

Socióloga, integra a equipe  
de Ciências Brasil.

**Ruído nº 1**

Estava olhando pela fresta

Espiando aquele tempo

Aquela memória

Bateu uma saudade

De um cheiro, um sabor,

Uma fresta de nada

Lembrando um pouco

Da liberdade que mudou

Que hoje não sei que nome teria

Espia,

Como devemos chamá-la?



**Ruído nº 2**

Sempre um pé-planta que escapa  
De ponta-cabeça se movimenta  
Gira, busca a própria sombra  
Alcançar depende de luz  
Movimenta, busca conseguir,  
O tatear dos pés carrega peso  
O corpo vai junto  
Pressiona  
Tira do ar  
Do alcance da sombra  
Força-o ao chão  
O pé-planta finca, fica  
Amanhã ele tentará novamente



## MÔNICA VILAÇA

É como pluma

Paira e não realiza

Por que a realidade pesa

Rouba a pluma

Tira-lhe a leveza

Arrasta e a põe

No chão e sob o chão

Ela a realiza

Como pluma que atravessa

Tudo

Com leveza e valentia

Cria a imagem

Do silêncio e da serenidade

Dá ao tempo realidade

Como pluma

Leve e suave

Toca nossos rostos

E segue



# COMPARTILHANDO SABERES E VIVÊNCIAS!



LUCILENE AMARAL

Advogada especialista em  
gestão hídrica e ambiental,  
trabalha na estratégia IPLC.

## LUCILENE AMARAL

---

**R**ecentemente eu ouvi um dos meus professores dizer que escrever não é fácil! Eis aqui uma grande verdade! Por isso, invade-me um sentimento de honra e responsabilidade em compartilhar neste espaço experiências que, sem maiores pretensões, possam ajudar alguém a olhar com mais empatia para quem está ao seu lado.

Pois bem, vamos lá! Eu nasci em um lar de família pobre e cheio de princípios morais e éticos. Fui moldada com atitudes de respeito, altruísmo, compaixão que meus pais se empenharam diariamente em inculcar em nosso caráter. Em casa éramos seis pessoas, mas nunca nos sentávamos à mesa para uma refeição sem que ao menos uma ou duas pessoas visitantes estivessem conosco. Sempre havia alguém em casa “passando uns dias” e até “anos” para resolver alguma situação pessoal. Papai fazia questão de nos lembrar que éramos privilegiados por ter onde morar e o que comer, pois ele, órfão aos seis meses de vida, fora criado de casa em casa até chegar à adolescência quando começou a trabalhar para garantir um teto e comida.



## LUCILENE AMARAL

Minha mãe casou-se com meu pai aos quinze anos e aos dezesseis nasceu a primeira filha, e na sequência dos anos, eu e meus dois irmãos. Nesse ambiente de poucos recursos, mas de muito amor e valorização pelas pessoas, eu cresci sendo incentivada a estudar, a trabalhar, a honrar e respeitar as pessoas, a constituir e zelar por minha família como o bem mais precioso. Além de filha, tornei-me esposa, mãe, dona de casa, advogada, ambientalista e pastora. Acho bem importante frisar que eu não recebi nenhuma consagração pastoral, mas sou carinhosamente chamada pastora por ser casada com um pastor e coordenar os trabalhos com as mulheres na igreja em que meu marido coopera e é sobre essa função que eu compartilho.



## LUCILENE AMARAL



Nascida num lar cristão, aos vinte anos, durante o curso de graduação em Direito, eu tomei uma decisão de conhecer e praticar os mandamentos cristãos. Essa decisão implicou em uma mudança de conduta que resultou em aplicar tempo de qualidade para estudar as Escrituras Sagradas, momentos de oração e cuidado com o próximo, um olhar para além de mim. Poucos meses após nosso casamento meu esposo foi consagrado ao ministério pastoral e passamos a conduzir os trabalhos na primeira igreja. Os primeiros cinco anos da vida de casada foram bem intensos e eu me dividia em cuidar de uma bebê, trabalhar como assistente de pesquisa em uma organização ambiental, onde iniciei a carreira profissional na área ambiental, e cursar uma especialização em gestão hídrica e



## LUCILENE AMARAL

---

ambiental. Além de tudo isso, trabalhar voluntariamente coordenando o grupo de mulheres da igreja. As reuniões com mulheres ocorrem duas vezes por semana para compartilharmos momentos de oração, estudos bíblicos e visitar pessoas enfermas ou com alguma outra necessidade.

Confesso que nos dias corridos que vivemos, de tantos compromissos, o item mais fácil de cortar de uma lista de tarefas é aquele que não há alguém para te cobrar um resultado ou prazo para entregar um produto. Muitas vezes eu já me flagrei me auto justificando “eu não tenho tempo para isso”, “se eu não tivesse filhos”, “se eu não trabalhasse”, “se...se”, então eu paro e lembro que eu fiz uma escolha: separar um tempo nessa corrida da vida para fazer algo que não fosse por mim ou para mim e o resultado tem sido incrível.

Já são quase vinte anos de vivências que mudaram a minha visão de mundo, de pessoas, de valores. Entre tantas experiências quero destacar o período que morei no Suriname. Residimos por dois anos naquele país cheio de cores, de alegria e de pessoas fortes marcada por uma vida de resiliência, de superação. Foi lá que eu conheci um grupo de mulheres muito especial, moradoras do distrito periférico Sophia s’Lust a quarenta e cinco minutos da capital Paramaribo.

Na varanda de uma casa muito simples, de chão batido, pertencente à matriarca da família, nos reuníamos todos os sábados à tarde. Dona Ana, uma senhora de idade avançada, com dificuldades para andar e pouca visão, mas com um sorriso solto, nos recebia e junto com ela outras cinco ou seis mulheres com suas crianças. Nossa equipe de visita era formada por um grupo de sete pessoas aproximadamente. Nos dividíamos em duas equipes, uma conduzia a reunião com os adultos e outra ficava com as crianças num pequeno espaço nos fundos do quintal.



## LUCILENE AMARAL

---

As reuniões eram movidas à música, sorrisos e trocas de conhecimentos. Ouvíamos as mulheres contar suas histórias de vida, elas nos ensinavam palavras em saranantongo e nós ensinávamos palavras em português. Sorríamos juntos de nossos erros de pronúncia! Em seguida fazíamos a leitura de um texto bíblico e uma reflexão sobre a temática do texto.

O grupo com crianças também cantava, coloria os desenhos, ouvia historinhas e participava de brincadeiras. Depois era servido um lanche com biscoitos e sucos. Tudo era muito simples, mas de uma riqueza de saberes e emoções.

Havia poucos homens nas reuniões. Além de meu esposo e um amigo que nos atendia como intérprete, alguns maridos das mulheres surinamenses ficavam distantes observando tudo silenciosamente. Elas, ao contrário, eram muito participativas e não se constrangiam de modo algum com a nossa presença. Faziam suas trancinhas enquanto cantávamos, dançavam, repreendiam os filhos em voz alta quando eles faziam travessuras e nos fazia experimentar a comida que elas preparavam. Eram tarde alegres.



## LUCILENE AMARAL

---

Antes de irmos embora, sempre fazíamos uma oração. Era um momento de muito reverência. Elas traziam suas crianças, uma a uma, para que o pastor estendesse a mão e as abençoasse. Ao final de cada reunião sempre havia um convite para que voltássemos na semana seguinte. Um sentimento de gratidão ficava estampado no olhar daquelas mulheres por causa daquelas poucas horas que passávamos ali e nós voltávamos para casa com muita alegria sabendo que fizemos tão pouco, mas que produziu na vida de cada um de nós algo tão valioso que é o amor ao próximo, se importar de verdade, compartilhar o pouco que temos, não só bens ou dinheiro, mas tempo, atenção, carinho.

Ao final de dois anos retornamos para o Brasil e ainda hoje as reuniões acontecem todos os sábados na casa da Dona Ana e o número de participantes cresceu. O amigo, de nacionalidade surinamense, que nos acompanhava como intérprete tornou-se o pastor e conduz as reuniões juntamente com a sua família naquele distrito.

Atualmente eu trabalho como especialista em conservação na The Nature Conservancy, continuo cuidando da casa e dos meus filhos, faço mestrado em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida na Universidade Federal do Oeste do Pará, e continuo auxiliando na coordenação dos trabalhos com mulheres na igreja em que meu esposo coopera com pastor.



# O QUE DIZER DE TODOS ESSES ANOS...



**CAROLINE K. CAGGIANI**

Gerente Regional de Projetos de DEI,  
trabalha no time Global de Diversidade,  
Equidade e Inclusão.

**H**oje, em pleno ano de 2022, me sinto abafada, sem poder... Não o poder de mandar e desmandar, mas o poder de ir e vir, de sair, ir até ali dar uma caminhada, olhar o horizonte e respirar, porque eu sinto medo.

A mulher historicamente tem medo: desde que o mundo é mundo, a mulher é vista como objeto de submissão, inferior, frágil, estúpida, incapaz. Se perguntarmos para uma pessoa do sexo masculino “o que ele é”, a resposta provavelmente será “sou uma pessoa”, e se eu perguntar para ele o que sou eu, a resposta provavelmente será “você é uma mulher”. O que isso significa? Significa que, pelo simples fato de eu ser mulher, muitas vezes não sou vista como uma “pessoa”, e sim como um “ser inferior”, que deve ser subjugado.

Infelizmente, até hoje somos submetidas a esse estereótipo de incapacidade e, se reagimos, somos forçadas a aceitar através da brutalidade, do reforço dos primórdios, no qual mulher só servia para ter filhos e cuidar da casa. O que mais me entristece é que hoje vejo mulheres que não querem ver, reforçando essa ideia de inferioridade, de “coisas de homem”, profissões, gostos, a palavra final.

O que eu espero de você, pessoa do sexo masculino, é que você se abra e veja o que já está explícito aí na sua frente, que você entenda que todas as questões de gênero afetam você diretamente, a sua família, todos os dias da sua vida, através de tudo o que você consome, lê, se alimenta, assiste, vive. E você, mulher que fala que não concorda com a “visão feminista”, se toca! Vai estudar para entender que ser feminista é muito mais do que um sovaco cabeludo, e tudo o que conseguimos até hoje foi através dessa luta.

Eu quero que você pense, pense se você está considerando gênero em tudo o que for fazer em casa, no trabalho, no mercadinho da esquina... Pense se você está sendo justo com quem vem depois de você, e mais, pense em quem está parada ali na sua frente, e mais, pense em quem está junto de você. Pense no que você ouve, do que você ri, nas piadas preconceituosas que você, além de rir, passa adiante, reforçando ainda mais todos esses estereótipos. Agora imagine todas as meninas e mulheres no mundo e lembre que, neste exato momento que você lê este texto, algo está reforçando a ideia de que essa menina não pode, de que ela não é capaz, e a sua contribuição, por menor que você pense que seja, é manter essa reflexão viva todos os dias, com sua família, amigos, no trabalho. Sempre se coloque no lugar de reflexão, se realmente, no seu ato, você não está ferindo ninguém, e se ele presta um serviço para um mundo onde eu, mulher, quero viver, no qual vemos juntos as pessoas se sucederem independentemente de seu credo, gênero, orientação sexual, cor/raça, e se você, no detalhe do seu dia a dia, está fazendo a sua parte para criar um mundo mais justo.

**“Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.”**

Vozes-mulheres

**Conceição Evaristo**

# A SONÂMBULA E A EQUILIBRISTA



GABI DOTI

Administradora, integra o time de  
finanças de Arlington no suporte a África,  
América Latina, Ásia-Pacífico e Europa.

## GABI DOTI

**A**ssim deviam ser todos os dias, sem “o ter de” buscar para onde ir, sem a ânsia “do ter de” chegar em qualquer lugar.

Sentada, com os pés encostados na cama, num raro momento de pausa, olho pela janela, pensando no que acabei de escrever. Alguém limpando a caixa d’água no teto do meu prédio aparece no reflexo da janela do apartamento à frente. Pega o balde, a vassoura e desce pela escada, como se nada. E desaparece. Ah... e sem proteção. Mas tudo bem e sigamos em frente.

Aposto que você concordou. Normal. Normal nada. Bem dizia a Legião, “quase sem querer” “tenho andado distraído”. Meio que nos deixamos cair na miopia da sonâmbula. Mas quando e como é que acordamos?



*Legenda 1: La Puerta de La Ciudadela. Monumento histórico em Montevideu, Uruguai. O portal divide a Cidade Velha (Ciudad Vieja) da nova. Nada mais significativo: um portal que separa passado e futuro num loop continuado, um interminável ir e vir em duas mãos. Montevideu, 2009.*

Saio do aeroporto e vou direto para o hospital. Chegando lá, respiro e, no guichê, pergunto para o recepcionista:

- **Puedo hablar con Alonso?**

**Ele me pergunta:**

- **De parte de quién?**

**Digo a ele:**

- **Decile que de una paciente.**

**Responde:**

- **Dale.**

**Se vira para trás e grita:**

- **Ché avisale a Alonso que tiene visita en recepción.**

Nessa espera infinita, visualizei a mim indo embora correndo. Minha respiração ficou ofegante. Eu repetia pra mim mesma: “Gabi, por favor, tu vieste até aqui. Tu não viajaste 2,9 mil quilômetros só para ver a cara do simpático recepcionista que, mesmo vendo a minha radiante palidez, foi capaz apenas de me olhar de cima a baixo”.

## GABI DOTI



*Legenda 2: La Plaza del Entrevero. Outro monumento histórico de Montevideú, bem no centro da capital, na emblemática Avenida 18 de Julio. Entrevero significa embate de opostos, no caso entre heróis, indígenas e “gauchos”. É um perfeito retrato da tensão e confusão de sentimentos em que eu estava na recepção do hospital.*



*Legenda 3: Colonia del Sacramento. Única cidade de colonização portuguesa no Uruguai, de astral, charme e pôr do sol únicos. Foi essa paisagem, sem perceber, que me inspirou a dar os meus quase primeiros passos como compositora.*

I wanna see your mouth, I wanna see your tongue,  
I wanna see I can see... I wanna see your tongue, I wanna see  
your mouth, I wanna see everything... dudubirubu, dudubirubu,  
dudu-du-dubirubu.

- Profe, que tal? Fiquei duas  
semanas com esses versos  
improvisando durante a viagem.

Por que isso? Ela olha sério para  
mim e diz:

- Hum... acho que você acabou  
de compor uma música.

Legal! A essas alturas, já  
estávamos em 2011, e a tal  
música? Sim, era horrível, diga-se  
de passagem.

## GABI DOTI

---

Daí pra quinquagésima sexta ou pra milhares de fragmentos musicais foi um *tie-break*: uma ideia nova pintava todo dia, saindo da TNC, após uma chamada, dirigindo, depois da aula de tênis e quando botava a cabeça no travesseiro pra dormir.

Meu companheiro que adorava: eu sussurrando a melodia no celular para não perder a ideia e daqui a pouco um “*shhh*” sonoro na minha orelha me levantava de um pulo da cama para eu ir para o outro cômodo terminar de gravar a música numa voz que fosse pelo menos audível.

Outro momento megaprodutivo para compor, sem dúvida, foi na época de *budget*. As músicas dos discos *Mundo Nada Particular* e *Outra Razão*<sup>4</sup> nasceram no berço do *forecast*, entre a primeira e segunda submissão dos *budgets*<sup>5</sup> em 2017, 2018 e 2019, entre o samba dos números e o rock, o pop, a bossa e o blues, é claro.

---

<sup>4</sup> <https://www.gabidoti.com/disco>

<sup>5</sup> *Budget* é um exercício anual da TNC de projeção dos gastos, receitas e saldos – orçamento – dos projetos de Conservação do Programa Brasil; *forecast* é uma reprojeção do budget dos gastos e receitas anual.



*Legenda 4: Show de lançamento do projeto Mundo Nada Particular. No Teatro de Arena Sesc Garagem, palco da Legião Urbana na década de 80. Um lugar único, multicultural, em que apresentei um projeto autoral multimídia, um caleidoscópio de artes que unia música, desenho, crônicas e projeções audiovisuais. Aqui gravei e filmei pela primeira vez um disco ao vivo.*



*Legenda 5: Capa do CD Outra Razão. Trabalhei quase 3 anos pra dar vida a esse projeto. Lancei ele no dia 13 de março de 2019. Na sexta seguinte, saiu o decreto no Distrito Federal da pandemia, informando que, dentre quase tudo, shows estavam proibidos. E sim, ainda existe álbum físico para os apreciadores de um bom encarte. É como folhear um livro, como sentir o som e as letras pela visão do tato.*

**F**oram quase onze anos atuando na linha de frente do planejamento e da sustentabilidade financeira dos projetos de conservação da TNC Brasil. Tudo o que eu fazia tinha de ter lugar e momento certo pra prover análises precisas e garantir a consistência das finanças. Era um exercício constante e ultrafocado de equilibrar demandas, enxergar nas entrelinhas dos números e garantir acurácia para o Programa e a diretoria realinharem o curso.

De forma bem diferente, qualquer lugar ou momento atiçava minha intuição pra compor. Era algo livre, fluido, completamente sem controle. Em 2019, me candidatei pra ser colíder do primeiro L-WiN da América Latina, no Brasil. Fim de expediente no escritório de Brasília. Mais um dia atribulado com entrega de relatório financeiro a doador, revisão do *forecast* e uma das primeiras reuniões de coliderança do L-WiN: na pauta, como iríamos atuar? Que projetos iríamos desenvolver?



Legenda 6: Primeiro time do L-WiN Brasil. Esse foi nosso primeiro workshop em Brasília. Foi aqui que delineamos nosso propósito e projetos de atuação com base nas entrevistas que conduzimos com o staff Brasil. Na foto estão, do topo da esquerda pra direita: Virginia, Luciana, Karina, Rafaela, Josiane, Marília, eu, Andrea, Caroline e Vanessa.

Falei:

- Karina, lembrei que tenho compromisso. Continuamos amanhã?

Voei pro estacionamento. Minha reunião era em uma hora, e eu tinha de terminar de compor uma música pra reunião de logo mais. Entrei no carro, tinha um barulho do exaustor do *shopping* insuportável. Sem chance de me concentrar. E agora? Pensa rápido, Gabi... Já sei: fui pro G3 do *shopping* e estacionei numa área mais isolada. Sentada na parte de trás do carro, peguei o violão, abri meu *laptop*, inseri a placa de som, abri o *software* de gravação, conectei o fone de ouvido, foco e *play*: restam 45 minutos. Volta e meia um segurança do *shopping* rondava com cara de desconfiado, tentando entender o que alguém fazia no escuro cantando dentro do carro.

Ouvi tantas Histórias lindas compartilhadas pelos colegas da TNC, em um dos dias do Engaging Across Difference<sup>6</sup>, que me levaram a chorar. E foi com alegria que esse choro se transformou num mosaico de versos sobre a diversidade que somos, que abraçamos e que nos faz "Iguais"<sup>7</sup>, com música de mesmo nome. Não imaginaria que seis meses depois, no dia 4 de junho de 2019, estaria gravando esse som em estúdio. Lembro que o guitarrista, quando a ouviu pela primeira vez, no mesmo dia, minutos antes de gravá-la disse:

- *There is no chorus, right?*

Eu, sorrindo, respondi:

- *There's no way to repeat meaning when we talk about diversity. Each one is what it is, so, no chorus at all.*

<sup>6</sup> O Engaging Across Differences (EAD) Workshop é um dos componentes do Compromisso da TNC com a Estratégia de Diversidade que toma consciência do papel crítico que a diversidade e a inclusão performam quanto a ajudar a TNC no avanço das metas de conservação.

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=GOGSZnhWZ0w>



*Legenda 7: Engaging Across Differences Workshop. Fins de 2018, em Brasília, e a alegria desse encontro com o time do Brasil. Sem dúvida, um marco em termos de mudança de percepção e quebra de paradigmas.*



*Legenda 8: Encarte digital da música Iguais. O laranja e o azul chamam por harmonia, paz, equilíbrio. A música, parte do disco Outra Razão, provoca uma reflexão sobre o que realmente somos fora do mundo dos rótulos.*

## GABI DOTI

---

Respira. Ele abre a porta ao lado do guichê. Fita-me e diz:

- Si? En que puedo ayudarte?

Olho pro rosto de Alonso como uma criança que apalpa o rosto da mãe pela primeira vez, buscando perceber cada traço, tentando entender o que é, o que representa.

Estendo minha mão, digo meu nome completo e pergunto:

- Você sabe quem eu sou?

Ele olha de novo, tentando entender. Eu respondo:

- Prazer, sou sua filha, vim lhe conhecer.



*Legenda 9: Onde tudo começou. A rua onde nasci. O bairro onde estudei quando criança em Montevideu. Foi durante essa viagem libertadora que tirei essa foto. E a primeira vez que voltei ali, após anos vivendo no Brasil.*



*Legenda 10: Onde postam histórias. Foi em frente a esse prédio dos Correios, outro monumento no centro de Montevideú, que fiquei inúmeras vezes parada a frente esperando por, quem sabe?, alguma carta do meu pai. Foi nessa mesma viagem que tirei a foto. Os pássaros que sobrevoavam o prédio sabiamente me mostraram que era mais do que hora de deixar para trás.*

Mil novecentos e oitenta e alguma coisa, *mi Abuela* roendo Halls quando não tossia e tirava satisfação da Diretora da escola, em Montevideú, de por que minha professora vivia pegando no meu pé e me acusava de copiar da minha colega todos os desenhos que eu fazia em sala. Mal sabia a professora que copiar ilustrações ajuda a desenvolver o lado direito do cérebro. Copiar desenhos é estudar proporções, espaços, luzes, sombras. Na realidade, é um dos primeiros passos para estimular a criatividade, a base para explorar novos caminhos.

Fato é que nunca copiei desenhos de meus colegas, mas adorava (e como!) copiar rostos das capas dos vinis e das revistas de minha mãe, reproduzi-los com entusiasmo na ponta do lápis.

Mil novecentos e oitenta e alguma coisa – parte II, minha mãe, entre fazer as contas do mês e montar a agenda de fisioterapeuta, adorava escrever roteiros pra musicais. E, claro, me botar pra cantar, atuar nas festas promovidas pela Apae pra crianças e pais. Ela e minha *Abuela* diziam em unísono: *dale nena vamos! A cantar! Con la guitarra y con tonada.*



*Legenda 11: É pra sentar-se e cantar. Já morando no Brasil, em Porto Alegre. E aí de mim se não cantasse afinada.*

Minha mãe adorava filmes, principalmente os clássicos e musicais. Aliás, é a única pessoa que eu conheço que tinha síncopas<sup>8</sup> de entusiasmo quando lia os créditos de um filme.

Moogie ouvia atentamente toda a história e dizia: “Entendi, tu és corajosa mesmo de sair de Brasília e vir pra Woodland Hills”. Era 2018 e, depois de respeitosamente ouvir, tecer comentários e analisar detalhadamente uma dezena de vídeos do meu último projeto musical à época, ele me olhou sério e disse: “Simbora fazer teu disco, mas tem que gravar aqui”.



*Legenda 12: East West Studio, Los Angeles. Sensação indescritível foi gravar o disco Outra Razão nesse estúdio lendário, cercado de profissionais generosos. Uma grande experiência de que nomes e títulos não importam. E que, independentemente de de onde você vem, o que vale é fazer o melhor pela e para a música.*

<sup>8</sup> É uma figura rítmica caracterizada pela execução de som em um tempo fraco, ou parte fraca de tempo, que se prolonga até o tempo forte – como um deslocamento de uma onda sonora. A sensação de algo saindo do lugar.

## GABI DOTI

---

Voltei pra Brasília feliz pelo respeito, humildade e acolhimento de um dos mais premiados produtores musicais e respeitado engenheiro de som do Brasil. Escolher alguém para produzir um disco, quando você faz música que brota da alma, é um *match* muito complexo e delicado. É preciso que haja respeito e identidade mútuos. Sem isso não rola, pois o resultado fica nítido no disco. E fica ali pra sempre. Não tem como voltar e apagar depois que vai pro mundo.

E eu estava feliz, mas com uma angústia latente no peito, que durou oito meses. Todos os dias, eu acordava e pensava: sou artista independente e ninguém vai financiar um projeto no exterior de uma artista desconhecida. Lembro-me da minha primeira tentativa frustrada de falar com uma empresa, não para pedir dinheiro, mas contatos e conhecimento para escrever um projeto viável. Riram na minha cara.

De um lado, o sonho pulsando e gritando para me jogar e viver essa experiência e, do outro, minha razão dizendo: “Gabi, é loucura”.

Quem venceu, vocês já sabem.

A sonâmbula irrompe a miopia: investi em mim mesma, rapei as economias de uma vida, me joguei por inteiro, pela primeira vez, na minha vida.



*Legenda13: A Equilibrista. Durante o set de filmagem do filme musical da canção Otra Razón, nas ruínas da Universidade de Brasília, em que há restos de uma construção inacabada em frente ao lago Paranoá. Uma vista de contrastes, sem dúvida, pra quem olha de cima. Eu tentando me equilibrar na pilastra com todo cuidado que o tema merecia: com base num caso de Alzheimer, conta a história do desaparecer da razão, do resgate da inocência.*

UMA CARTA À MINHA MELHOR AMIGA,  
**MINHA MÃE...**



**RAFAELA CARVALHO**

Administradora, especialista em Projetos  
de Gênero na África e América Latina,  
Co-leader L-WIN Brasil e Analista IPLC.



Dizem que, quando alguém que amamos parte, leva um pedaço de nós. Eu discordo, eles levam muito de nós... Quando minha mãe se foi, ela já não era minha mãe, era minha “filha” – nos últimos anos de sua vida, os papéis tinham se invertido em função de uma doença e algumas limitações, e eu tinha me transformado na mãe da minha mãe. Era desafiador e acolhedor ao mesmo tempo.

Espero que esta carta a encontre linda e cheia de luz, como sempre foi.

Oi, Mãe, eu estou com muita saudade. Algumas mudanças aconteceram desde a sua partida, só não mudei a cor do meu cabelo, eu gosto dela. Tenho tantas perguntas para ti, mas vou me atentar a dizer o quanto sou grata por ter vindo a esse mundo como tua filha e que eu ainda não sei cozinhar. (Ok, você já sabia que isso ia acontecer.)

Eu iniciei um trabalho com mulheres e tive a oportunidade de conhecer algumas que me lembram de você. Quando as ajudo, me sinto perto de ti... Eu gosto dessa metáfora, ela é forte e genuína. E trouxe muitas alegrias a minha vida.

## RAFAELA CARVALHO

Precisei de você muitas vezes: quando, por exemplo, achei que um Uber ia me sequestrar só porque ele abriu o porta-luvas e tinha uma corda e esparadrapo dentro. Também quis você aqui quando seu neto nasceu, me senti frágil... Quis você muitas vezes aqui, mãe, como hoje, quando escrevo este texto no Dia das Mães de 2022.

Quero que entendas que esta carta prosaica, com tom jocoso em alguns momentos, é para aliviar o peso que a ausência da minha melhor amiga faz na minha vida.

Contudo, sinto que os anos, a dor e a saudade me ensinaram que, mesmo depois de você ter ido embora, quando a vida me machuca ou me desafia, eu volto pro teu ventre, pro teu colo, me fortaleço e lembro quem eu sou.

***Te amo,***

***Rafa***



♀♀♀♀♀  
WOMEN IN  
**NATURE**  
L-WIN Brasil

The Nature  
Conservancy   
Brasil